

O efeito Nicholas

“Você fez um milagre”

ROBERT KIENER

O PEQUENO automóvel pareceu surgir do nada no espelho retrovisor de Reg Green. Aproximava-se rapidamente. Eram quase 11 horas da noite do dia 29 de setembro de 1994. Reg e a família adormecida – a mulher, Maggie, o filho Nicholas, de sete anos, e a filha Eleanor, de quatro – dirigiam-se para o sul, para tomar a barca de meia-noite de Villa San Giovanni em direção à Sicília. Era o 13º dia das férias da família californiana na Europa.

O veículo aproximou-se mais e, em vez de fazer a ultrapassagem, começou a seguir o carro alugado dos Green.

Epa, pensou Reg, quando os faróis do carro brilharam em seu espelho, *esse cara está armando alguma*.

De repente, o carro deu uma guinada para a esquerda e colocou-se ao lado do de Reg. Maggie acordou e,

virando-se, avistou um homem no banco do carona com um lenço preto no rosto, gritando e fazendo gestos ameaçadores para que encostassem o carro à margem da estrada.

Bandidos de estrada, pensou Reg, alarmado. Temendo pela segurança da família, tomou uma decisão instantânea: resolveu correr mais do que o outro carro, que era antigo. Pisou fundo no acelerador e o carro alugado distanciou-se do automóvel dos bandidos. Contudo, em pouco tempo, os marginais estavam outra vez emparelhados com eles. Houve tiros. A primeira bala estilhaçou o vidro traseiro, a segunda quebrou o vidro de Reg, cobrindo-o de cacos, a terceira atingiu o pára-lama traseiro.

O ar frio entrou pelos vidros quebrados e acordou Eleanor.

– Pronto, meu bem, vá dormir de novo – disse Maggie, abalada, debruçando-se por sobre o assento para tirar cacos de vidro de cima da filha e cobri-la com o casaco. – Vai dar tudo certo.

Ficou aliviada ao ver que Nicholas, que sempre dormia profundamente, parecia ter cochilado durante todo aquele ataque assustador.

Aquela era a terceira viagem em família que os Green faziam à Itália. Para evitar multidões e os preços altos, viajavam na baixa estação, e muitas vezes de carro, à noite. Reg, nascido na Grã-Bretanha e ex-jornalista em Londres, nessa ocasião editor de um informativo financeiro, transmitira aos filhos a paixão pelas viagens e pela História. Nicholas, em especial, ficava encantado com as histórias que o pai contava sobre Robin Hood e Robin-

son Crusoe. Preparando-se para viajar, tinham vasculhado a biblioteca em busca de livros sobre Roma antiga. Durante a viagem, o menino fazia de conta que era um soldado romano voltando ao lar, vindo das colônias.

Nicholas tinha algo especial. “Nicholas está sempre pensando nos outros”, disse um dos professores do menino a Reg. Ele fazia questão de brincar com crianças que as outras desprezavam. Era quem sempre parava um balanço para ajudar um dos guris menores a saltar. Um dia, na escola, um colega começou a chorar na aula de artes por ter estragado seu projeto de origami. Nicholas foi para junto dele e disse: “Fique com o meu, tudo bem.”

É um alívio, pensou Reg, procurando livrar-se do choque do assalto, *que Nicholas tenha dormido durante todo o tiroteio*.

Fugindo à toda dos assaltantes, Reg e Maggie acalmaram-se quando viram dois carros da polícia e uma ambulância no local de um acidente. Pararam no acostamento para comunicar o tiroteio. Reg apontou para os furos feitos pelas balas.

Quando Maggie e Reg abriram a porta traseira para olhar as crianças, levaram um susto ao perceberem sangue nos cabelos de Nicholas. *Meu Deus, ele está ferido. Terá sido cortado pelo vidro?*, pensou Maggie, horrorizada. Cada vez mais assustada, olhou bem e encontrou um furinho redondo de bala na cabeça dele. Maggie dominou o impulso de pegar Nicholas no colo, sabendo como era importante deixá-lo aos cuidados do pessoal médico treinado. Ela abraçou-se a Eleanor. Reg olhou para

o rosto pálido do filho e pensou: *Será que um dia voltarei a ser feliz?*

Quando Nicholas foi levado, Reg voltou depressa para o carro e pegou um pedaço de coberta de bebê, feita de pele de carneiro, com que Nicholas sempre dormia. Ele o colocou na maca ao lado do filho, com carinho.

– Quero que ele tenha algum objeto que o console, quando acordar num lugar estranho – disse a Maggie.

Depois de examinarem Nicholas, já em coma, os médicos do hospital local de Polistena recomendaram que fosse levado de ambulância a uma enfermaria de tratamento intensivo num hospital maior, em Messina, na Sicília, do outro lado dos estreitos. Reg e Maggie, desolados, concordaram.

Lá, só lhes permitiram ver Nicholas através de uma vidraça na UTI, onde ele estava deitado em coma profundo, rodeado de fios, tubos e máquinas de monitoramento. O chefe da neurologia explicou que a bala tinha entrado na cabeça de Nicholas, logo acima da orelha direita, alojando-se no meio do cérebro. “Só o que podemos fazer é esperar e deixar que ele repouse”, explicou o médico.

Num país estranho, longe dos amigos e da família, o filho à morte, o que Reg e Maggie mais queriam era levar Nicholas para casa. *Se eu ao menos pudesse segurar a mão dele e abraçá-lo*, pensou Reg.

Na manhã seguinte, o estado do garoto continuava inalterado. O casal só pôde passar cinco minutos jun-



Reg, Maggie e a filha Eleanor

to ao leito dele e saiu, mal conseguindo falar.

No dia seguinte, quando chegaram ao hospital, os Green foram levados a um pequeno consultório. Logo entrou a equipe de médicos que estava tratando de Nicholas. Durante algum tempo, cada um deles evitou olhar nos olhos de Reg e Maggie. Depois, o Dr. Rosario De Salvo, chefe da UTI, adiantou-se.

– Sinto muito, Sr. e Sra. Green – dis-



A família Green voltou à Itália para encontrar as crianças que receberam os órgãos doados pelo filho Nicholas

se, com brandura – mas o cérebro de Nicholas morreu.

Ele parou, para deixar que o intérprete traduzisse.

– O respirador é o que o mantém vivo. Receio que não haja esperança alguma.

Um silêncio profundo reinou na sala. Maggie sentiu o seu mundo ruir ao escutar as palavras *morte cerebrale* – cérebro morto – e agarrou-se a Reg. Nicholas se fora.

Reg e Maggie ficaram ali, de mãos dadas, bem apertadas, mas disseram pouca coisa. Ambos estavam perdidos em descrença e choque. Reg lembrava-se do garotinho brilhante, que se tornara seu melhor amigo. Maggie lamentava pelo filho, que nunca mentia e adorava dar – e receber – abraços es-

pontâneos. De certo modo, aquele corpo na mesa, atrás da vidraça, não era Nicholas. O Nicholas *deles* se fora – sua jovem vida se apagara.

O Dr. De Salvo aproximou-se dos Green e falou, com simplicidade:

– Sinto muito.

Reg e Maggie ficaram ali sentados, um diante do outro, conversando baixinho, as cabeças quase se tocando, as mãos se agarrando. Depois de alguns momentos, Reg levantou-se e comunicou ao Dr. De Salvo:

– Gostaríamos de doar os órgãos de Nicholas.

Talvez, assim, a morte dele tenha alguma utilidade, pensou Maggie.

O HOMICÍDIO de Nicholas provocou ondas de choque em todo o país. Os

italianos ficaram horrorizados ao verem que a vida de uma criança havia sido liquidada tão cruelmente. Os jornais descreveram *La nostra vergogna* (Nossa vergonha), e canais de TV transmitiram reportagens sobre o crime.

Mas a vergonha misturou-se à admiração, depois que a doação dos Green se tornou pública. Quando sete pessoas receberam o coração, córneas, fígado, rins e pâncreas de um menino americano, os italianos ficaram espantados com a generosidade e falta de rancor da família.

O fígado de Nicholas salvou Maria Pia Pedalà, de 19 anos, siciliana de rosto suave, que sofria da Doença de Wilson, e cujo prognóstico de vida era de apenas dois dias.

No dia 2 de outubro, os médicos transplantaram o coração jovem e forte de Nicholas para a pequenina Andrea Mongiardo, de Roma, que aos 15 anos pesava somente 27 quilos, devido a um defeito congênito do coração.

Nesse mesmo dia, Tino Motta, garoto de 11 anos, de Siracusa, na Sicília, que vinha fazendo diálise, com duração de três horas, três vezes por semana, recebeu um dos rins de Nicholas; o outro foi para Anna Maria Di Ceglie, de 14 anos, de Bari.

E uma das córneas de Nicholas restaurou a visão total de Domenica Galletta, de 24 anos, que estava esperando havia quase cinco anos por um transplante. A outra córnea restituiu a visão plena ao ex-vendedor Francesco Mondello, de 33 anos. Finalmente, uma romana de 31 anos saiu de um coma diabético depois de rece-

ber células do pâncreas, que a ajudaram a produzir insulina.

Enquanto se realizavam esses milagres médicos, aumentava a gratidão pelo altruísmo dos Green. Nas ruas de Roma, as pessoas paravam e batiam palmas quando os viam. Os editoriais aplaudiam sua dádiva de vida. O entrevistador italiano Maurizio Costanzo falou em nome de milhões, ao dizer: “Vocês nos deram uma lição de civismo, mostraram-nos como reagir diante da dor e do pesar.” Antes de os Green tomarem o avião de volta para a Califórnia, o presidente Luigi Scalfaro condecorou-os com a medalha de ouro do mérito civil, a mais alta homenagem da pátria aos civis.

A IGREJINHA de Sta. Teresa de Avila, de madeira branca, parecendo um quadro, fica no alto de um morro ventoso na aldeia de Bodega, a uns 110km ao norte de São Francisco. Lá, na manhã do dia 8 de outubro, Reg, Maggie e Eleanor estavam sentados em um banco, bem na frente, cercados por mais de 150 parentes, amigos e vizinhos que compareceram ao enterro de Nicholas. Do lado de fora, outras pessoas e a mídia escutavam pelo alto-falante enquanto Loretta Smith, professora de Nicholas, falava diante de uma estante na frente da igreja.

– Nicholas foi um mestre – disse ela, a voz clara e firme. – Eu não tinha idéia de que ele se tornaria, por seu exemplo e sacrifício, um mestre de milhões.

Junto ao túmulo, a pouca distância da igreja, no alto de um morro, Reg, contendo as lágrimas, também conseguiu proferir algumas palavras:

– Nicholas já ajudou a salvar a vida de outras crianças e talvez, indiretamente, muitas outras no futuro. Também acendeu uma fagulha de amor em inúmeros corações no mundo inteiro. Se isso não for a imortalidade, com certeza deve estar por perto.

Nos dias que se seguiram ao enterro do filho, grande quantidade de cartas, telegramas e telefonemas da Itália, dos Estados Unidos e do mundo inundaram a pequenina Bodega, todos envolvendo a memória de Nicholas e exprimindo admiração pela atitude dos Green.

Mais animador ainda, a decisão dos Green de doar os órgãos do filho inspirou muitos a fazer o mesmo. Na Itália, país com uma das taxas mais baixas de doação de órgãos do Ocidente, o número de futuros doadores quase quadruplicou de 1995 a 1996. Os italianos e outros começaram a chamar esse aumento da consciência em relação à doação de órgãos de “Efeito Nicholas”.

Um garoto italiano de 15 anos, que viu a história de Nicholas na televisão, disse à mãe: “Se alguma coisa me acontecer, eu gostaria de doar os meus órgãos, como ele.”

Um mês depois, morreu atropelado por um carro num cruzamento de calçada. Depois de doar seus órgãos, a mãe dele confessou:

– Eu nunca teria feito isso se ele não me tivesse falado sobre o caso. Estou realizando os desejos de meu filho.

Na França, milhares de telespectadores solicitaram cartões para doação, depois de terem visto os Green, e outras famílias em situação semelhan-

te, num programa de televisão transmitido no dia 14 de junho de 1995. Desde então, um vídeo sobre sua história e a necessidade de mais doações de órgãos tem sido exibido em centenas de hospitais. Os Green criaram uma fundação e instituição de caridade para auxiliar a doação de órgãos. Também foi criado um fundo de bolsas em memória de Nicholas.

– Aos poucos, fomos compreendendo que nos fora legado o trabalho de uma vida – explica Reg.

EM OUTUBRO DE 1995, Reg, Maggie e Eleanor voltaram à Itália. Dezenas de aldeias, municípios e cidades tinham pedido que fossem lá para ajudar a homenagear a memória de Nicholas. Em Bagnara, na Calábria, pequeno vilarejo à beira-mar perto do local do assalto, Reg, Maggie e Eleanor conduziram os aldeões numa procissão noturna, à luz de velas. “Obrigado pela sua dádiva de vida”, gritou um. “Obrigado por nos perdoar”, disse outro.

No fim da semana, os Green foram convidados a falar numa conferência em Reggio, capital regional da Calábria. Pessoas de toda aquela região lotaram o elegante Teatro Comunale para ouvir Reg e Maggie. Alguns, talvez, também para buscar seu perdão.

Quando os Green são apresentados, a platéia rompe numa ovação, de pé.

– Há um ano – começa Reg – Nicholas foi morto por um pistoleiro quando passávamos pela Calábria. Quando ele parou, recordando aquela noite terrível, a platéia parecia presa a cada palavra sua.

– Nicholas amava a Itália, especial-

mente a sua história militar – continuou Reg. – Aliás, fazia de conta que era um soldado romano, de volta ao lar. Fingia ser tão famoso que seriam erigidas estátuas em sua homenagem, canções cantadas sobre ele e escritos poemas em sua memória...

– Nicholas era apenas um pequenino que gostava de imaginar e fazer de conta. Mas, de forma trágica, ele estava certo. Tudo se realizou, de fato.

Ondas de aplausos encheram o teatro apinhado, enquanto o povo levantava para aplaudir Reg. Em momentos como aquele chega quase a parecer que Nicholas está com eles. Reg e Maggie sabem que o filho há de viver para sempre.

Se precisavam de alguma prova disso, eles a tiveram na procissão de Bag-

nara, quando uma linda moça saiu do meio do povo para abraçar Reg. Era Maria Pia Pedalà, que um ano antes estava morrendo da doença de Wilson. Irradiando saúde, ela caminhou abraçada aos Green no meio do povo que os aclamava.

Falando em nome de todos os receptores de Nicholas, ela disse:

– É graças a Nicholas e seus pais que eu hoje estou viva. Obrigada por minha vida. Nós o amamos, Nicholas; você é parte de todos nós e continua a viver em nosso interior.

Em maio último, Maggie Green deu à luz gêmeos, um menino, Martin, e uma menina, Laura. Na Itália, dois homens estão sendo julgados pelo homicídio de Nicholas Green.



Matemática para abelhas

AS ABELHAS são capazes de contar, segundo a opinião de dois pesquisadores alemães. Lars Chittka e Karl Geiger, da Universidade Livre de Berlim, afirmam que as abelhas calculam a distância entre sua colméia e a fonte alimentar, contando marcos divisórios à medida que os vão sobrevoando.

Chittka e Geiger treinaram abelhas para colher uma solução de açúcar colocada a mais de 250 metros de distância de sua colméia, que ficava no meio de vasto prado deserto. Em seguida, colocando uma série de marcos divisórios – tendas de 3,5 metros de altura – ao longo da linha de vôo das abelhas, fizeram testes, variando o número e a posição das tendas.

As abelhas reagiram muito mais ao número de marcos pelos quais passavam do que à distância que percorriam no vôo. É possível que as abelhas usem essa capacidade em condições naturais, medindo a distância até as flores através da contagem de arbustos ou árvores.

Clare Putnam, em *New Scientist*, Reino Unido

– QUEBREI UM ESPELHO em minha casa – diz o comediante Steven Wright. – Dizem que vou ter sete anos de azar, mas o meu advogado acha que consegue reduzir para cinco.